

A INVISIBILIDADE/CAMUFLAGEM CIGANA: UMA ANÁLISE SOBRE A REPRESENTAÇÃO DOS CIGANOS NO OLHAR DO GADJE (NÃO- CIGANO)

*THE INVISIBILITY/CAMOUFLAGE GYPSY: AN ANALYSIS ON THE
REPRESENTATION OF GYPSIES IN THE GAZE OF GADJE (NON-
GYPSY)*

ARCAS, Marcio Edovilson*

<https://orcid.org/0000-0002-7979-3167> 

PAES, Ademilson Batista**

<http://orcid.org/0000-0002-4043-6242> 

RESUMO: A crise lançada pela pandemia do coronavírus levantou questionamentos ao redor de todo mundo acerca do tipo de sociedade que está sendo construída e como será o futuro da humanidade. A tragédia da COVID-19 teve como pano de fundo, especialmente em território americano, a proliferação das *fake news* e do negacionismo científico, assim como a grande preocupação de diversos setores sociais para as discussões em torno das mudanças climáticas. Desse modo, os apontamentos que pretendo realizar indicam para a demanda da historiografia, especialmente na área da Teoria e Filosofia da História, de considerar com afincamento o atual contexto de crise político-ambiental. O que proponho é uma aproximação das questões da historiografia com as problemáticas explicitadas pelas ciências naturais, baseada no fato de que ambos os campos são ameaçados pelo negacionismo obscurantista, no crítico momento em que as distinções entre o tempo histórico e geológico estão em um vertiginoso processo de sobreposição.

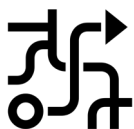
Palavras-chave: COVID-19; Fake News; Crise Climática.

ABSTRACT: The crisis launched by the coronavirus pandemic raised questions around the world about the model of society that is being built and what the future of humanity will be like. The challenge of COVID-19 had as a background, especially in American territory, the proliferation of fake news and scientific negationism, as well as the great concern of various spheres of society for the discussions on climate change. Hence, the points I intend to make indicate for the demand of historiography, especially in the Theory and Philosophy of History area, to take a hard look at the current context of political-environmental crisis. What I propose is an approach of the questions of historiography with the problems made explicit by the natural sciences, based on the fact that both fields are threatened by obscurantist negationism, at the critical moment when the distinctions between historical and geological time are in a dizzying process overlap.

Keywords: COVID-19; Fake News; Climate Change.

* Mestrando em Educação (UEMS, campus Paranaíba), membro do GEPHEB (Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira - CNPq - 2005). Email: marcio.arcasstafe@gmail.com.

** Doutor em Educação Escolar (UNESP), Docente Adjunto (DE) dos cursos de Pedagogia e Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Desenvolve estudos e pesquisas nos campos da história e da história da educação brasileira. É líder do GEPHEB (Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira - CNPq - 2005). Email: marcio.arcasstafe@gmail.com.



APRESENTAÇÃO

Em 2019, para participação do Simpósio Multidisciplinar de Relações Étnicas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul campus Três Lagoas, elaborei o trabalho “A construção histórica da intolerância ao cigano: do mito do surgimento dos ciganos aos materiais divulgados em sala de aula”¹. Este texto procura sintetizar toda a pesquisa realizada desde então, focando principalmente na invisibilidade e camuflagem do grupo, visando assim, contribuir para que os mesmos possam ser respeitados e seus direitos garantidos; a principal diferença nos textos se dará por uma visão mais focada no olhar do cigano.

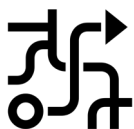
Os roms (ciganos na língua romani-cigana) são distribuídos em sete grupos (clãs): Kalderash, Moldowaia, Sibiaia, Roraranê, Hitalihiá, Matwiwia e Kalé (calon); eles têm em comum a língua ágrafa, e a tradição oral de sua cultura, além de manter características do nomadismo. No entanto, não é possível conceituá-los como etnia, ainda que estejam espalhados por todo o mundo e presentes em vários momentos históricos (especialmente a partir do século XIII quando seu contato com a Europa começou a se intensificar e registros sobre estes grupos surgiram). Andarilhos, músicos, negociantes, gitanos; várias foram as formas como foram chamados por onde passaram; em cada um desses lugares² aprenderam e deixaram suas marcas (HILKNER,2008, p.5) .

O cigano, ‘outro’ em relação ao europeu, desde então é julgado dentro da moral europeia, onde não há espaço para que se expresse, não é o interlocutor dos textos e narrativas que os mencionam, não é protagonista da história e, como coadjuvantes, lhe sobram apelos pejorativos (como veremos na literatura). Sendo na maioria das vezes meros figurantes das narrativas, passam assim despercebidos.

Em “Pode o subalterno falar?” (SPIVAK, 2010, p. 54), a indiana Gayatri Chakravorty Spivak irá criticar como autores europeus tentam explicar o mundo a partir do ponto de vista europeu, logo, tentar com a lente do colonizador explicar culturas e indivíduos que fazem partes de regiões colonizadas, o ‘outro’, em relação ao europeu, é algo impossível. A

¹ O texto apresentado no Simpósio foi publicado como capítulo de livro: ARCAS, M. E. PAES, A. B. A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA INTOLERÂNCIA AO CIGANO: DO MITO DO SURGIMENTO DOS CIGANOS AOS MATERIAIS DIVULGADOS EM SALA DE AULA. DOI 10.22533/at.ed.92720210913 (páginas 133 a 145) (in) OLIVEIRA, A. C. Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história. Editora Atena, Ponta Grossa-PR, 2020.

² “A ideia de lugar toca uma dimensão afetivo-existencial importante, ligada ao sentimento de pertencimento e de familiaridade com o espaço físico que nos rodeia. Trata-se de uma realidade simbólica e de sua representação” (TRESOLAVY, 2020, p.90). Essa possibilidade de dar sentido ao espaço é próprio do humano. Esta definição, em relação ao cigano ganha outros significados, já que para a sua cultura, em especial a calon, o lugar é ideal quando proporciona a possibilidade de liberdade.



voz acadêmica detentora do conhecimento científico, por mais que tente fazer esse papel, irá fracassar. Se isso já é algo recorrente para culturas fixadas em estruturas nacionais com espaços geográficos minimamente definidos, é praticamente impossível para uma que seja ágrafa e nômade, que transmite sua memória por meio da tradição oral como a cigana.

O gadje (não-cigano) é limitado para falar sobre os ciganos, situação que deve ser levada em consideração no decorrer da leitura deste texto. O “subalterno não pôde falar”, parafraseando Spivak, a explicação sobre a origem do povo cigano reproduzida por boa parte dos textos acadêmicos não faz parte das narrativas contidas nas suas tradições orais. Enquanto os pesquisadores permanecem condicionados à teoria nazista de que teriam surgido na Índia, por volta de 1000 a. C; entre os ciganos, a explicação é outra:

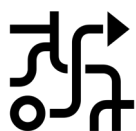
Minha avó Yordana Stanescon, conhecida e respeitada pelo meu povo como BIBI YORDANA, a PHURI DJIEÍ (matriarca, dona da sabedoria), nossa rainha, nos ensinava: “Nosso povo saiu do fundo da terra, e fomos então escravizados pelos egípcios. Foram tantas as humilhações e os maus-tratos a que fomos submetidos, que na época criou-se um dialeto próprio, o ROMANÊS, para que nos comunicássemos, sem que nossos algozes compreendessem o que falávamos...”(STANESCON, 2007)

O fragmento citado acima faz parte do livro *Lilá Romai – Cartas Ciganas*, escrito pela cigana Mirian Stanescon, Presidente da Fundação Santa Sara Kali, ex-Conselheira da SEPPIR da Presidência da República, Delegada da Comissão de Direitos Humanos da OAB/RJ, Membro do GT de Enfrentamento a Intolerância e Discriminação Religiosa e Promoção dos Direitos Individuais, Coletivos e Difusos da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos/RJ. Em sua obra, busca resgatar a história, costumes e tradições dos ciganos, uma busca para preservação.

Ao longo da minha caminhada, li e ouvi barbaridades sobre o meu povo, que, talvez por ser vítima de seculares preconceitos e perseguições, se protege, isolando-se. Resolvi então quebrar o silêncio e lutar pelo resgate da verdade. (STANESCON, 2007, p.7)

Além do esforço histórico das culturas dominantes em esconder a presença do cigano ou eliminá-la (FAGIC, 2020), o isolamento e a camuflagem parte também dos próprios grupos como um mecanismo de sobrevivência (vários são os exemplos de pessoas que tiveram algum destaque social e suas origens ciganas foram camufladas³ temendo retaliações) (MATUOKA, 2018).

³ Elvis Presley, Charlie Chaplin, Michael Caine, Pablo Picasso, Shayne Ward e o presidente brasileiro Juscelino Kubitschek são exemplos de pessoas que alcançaram sucesso e mantiveram suas origens ciganas camufladas.



Na sequência, será apresentado como os gadje teorizaram as afirmativas sobre as origens indianas dos ciganos, além de como estes têm sido apresentados na literatura e como isso chega até os materiais didáticos (questionando como o aluno é impactado com estas colocações). Então, é apresentado o ponto de vista cigano sobre suas origens e sua cultura; e, ao final, conclui-se que somente uma educação de caráter transgressor pode contribuir para que estas minorias saiam da condição marginalizada em que se encontram.

A ORIGEM DO CIGANO SEGUNDO OS GADJE

“Somos ciganas do Egito, lemos a sorte futura”
João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina* (1955)

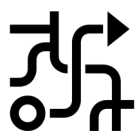
Como já citado anteriormente, não coube aos grupos ciganos fornecerem argumentos sobre sua origem e muito do que é dito sobre sua cultura e estilo de vida; iremos analisar quais foram os contextos e argumentos utilizados pelo gadje para afirmar que a origem cigana é indiana. Vale ressaltar que esta informação não é tão importante para os ciganos como afirma Mirian Stanescon:

A mim não importam os livros que consideram a Índia o berço dos ciganos. Não que eu despreze os livros; ao contrário, sempre incentivei o hábito da leitura entre um povo cuja cultura é oral e não escrita (STANESCON, 2007, p.15).

Com o desenrolar da Segunda Guerra Mundial o mundo passa a conhecer os horrores promovidos pelos nazistas nos campos de concentração: espaços reservados aos indesejados, aqueles que poderiam de alguma forma atrair os ‘arianos’ de conseguirem alcançar a perfeição. Homossexuais, deficientes, pessoas de orientação política contrária, judeus, testemunhas de Jeová e ciganos eram levados para estes espaços de escravidão, tortura e morte⁴.

Para os nazistas, os ciganos eram especiais (GUIMARÃES, 2015), pois linguistas alemães detectaram semelhanças da língua romani (idioma cigano) com o sânscrito (idioma indo-ariano presente na Índia), logo determinaram que sua origem era indiana (usaram a pigmentação mais escura do que a dos Europeus do Norte da pele cigana e alguns traços culturais como justificativa), assim como também determinaram que os “arianos” foram os fundadores do sistema de castas hindu. Estudar os ciganos era entender a origem ariana e

⁴ A perseguição aos ciganos não foi exclusividade da Alemanha, em diversos países foram criadas leis de exclusão aos ciganos, países como Inglaterra, EUA e URSS (LAROUSSE, 1973. P. 1662-1664); leis impondo distancia dos acampamentos ciganos para as casas dos cidadãos. Foram ainda acusados de vários crimes sem provas, o que resultou nas mais diversas punições (AGUIRRE, 2006).



sua superioridade, por isso não demorou para servirem de cobaias para as mais odiosas pesquisas, o anticiganismo ganhava caráter pseudocientífico (anticiganismo).

O hinduísmo é baseado em um sistema de castas que, segundo a tradição encontrada no hino RigVeda, teria se originado a partir do sacrifício do Deus Purusha, e da divisão de seu corpo se originaram as bases da sociedade, destas ‘partes’ surgiram quatro comunidades de pessoas. No sistema de castas, a vida da pessoa é determinada pela hereditariedade e de qual grupo sua família faz parte, quanto mais acima da pirâmide mais privilégios (os Brahmins ficaram no topo desta divisão); com o tempo, outros subgrupos foram surgindo, acentuando a desigualdade. O racismo estruturado no hindu servia aos interesses de organização social dos nazistas.

No século XIX, alguns europeus, buscando uma justificativa para sua “superioridade racial”, começaram a usar o termo ariano de forma equivocada: para estes, os arianos eram uma raça que teria sido a primeira a assumir o topo da pirâmide social hinduísta. Não há raça superior, tampouco raça ariana; o que há é um grupo de línguas conhecidas como indo-europeias, dentre essas línguas, por exemplo, fazem parte o sânscrito e o português.

Na busca em legitimar a origem cigana, os nazistas procuraram relação de seus traços culturais com a cultura hindu. Logo encontraram na deusa Kali (pele escura) e seus seguidores as relações necessárias, então atribuíram a esta a origem da devoção dos ciganos à Santa Sara Kali⁵.

Na tradição, a deusa Durga, esposa de Shiva, foi amaldiçoada após lutar com um demônio, das gotas de seu sangue surgiram demônios; quando estes tinham a cabeça cortada, o sangue que jorrava gerava novos demônios. Então, surge Kali (em algumas versões uma transformação do próprio Shiva, em outras de Durga), esta lambia o sangue das cabeças cortadas e com isso novos demônios não surgiam. Kali representava a Natureza e como esta age para a manutenção da vida, não era tratada como um demônio, pois sua prática de ceifar vidas indesejadas garantia a base para a vida. Kali é representada ensanguentada, com um colar de crânios (dos demônios mortos por ela), e com a língua para fora (simbolizando o ato de lamber o sangue).

Sem dúvidas, uma imagem assustadora para os padrões ‘civilizatórios’ do Ocidente. A história foi distorcida, pois ela fora representada como devoradora de pessoas, geralmente derrotados em batalhas e, para completar, os ciganos foram tidos como seus adoradores,

⁵ Irei apresentar a história e importância da Santa Sara Kali e as narrativas dos ciganos que são contrárias a esta afirmação no subtítulo como os ciganos contam sua história e apresentam sua cultura.



que por estarem na base da pirâmide social hindu, fugiram da Índia e passaram a 'contaminar' os arianos que haviam se instalado no Norte Europeu. O fato é que a origem indiana dos ciganos passou a ser aceita no meio acadêmico a partir dos apontamentos nazistas.

"Saíram da Índia, caminhando em uma única direção e originária do Sind e Punjab. Foram para o Afeganistão, para a Pérsia, para a Romênia, Ásia Menor, entrando na Europa pela Grécia". (HUIZINGA, 1984, p. 28).

A pesquisadora cigana Jordana Aristicth (1995) discorre que não há como afirmar com precisão a origem cigana somente com o que fora apresentado e ainda ressalta que tal cultura pode ser mais antiga do que o próprio sistema hinduísta. Propõe, ainda, um traçado de migração em que os ciganos passam a se espalhar por toda a Europa a partir do leste, chegando na Península Ibérica desde as Invasões Mouras, permanecendo mesmo com o fim das Guerras de Reconquista⁶. Conhecendo o território, os ciganos teriam estabelecido rotas comerciais por toda a Península.

Paulo Miceli (2008) relaciona a chegada dos ciganos a Lisboa: a cidade começava a ter importância portuária no século XV e atraiu comerciantes que, em um primeiro momento, alegraram os lusitanos com suas roupas, danças, instrumentos musicais e estilo de vida. No entanto, com o decorrer do tempo, as práticas culturais ciganas foram criminalizadas e eles colocados à margem da sociedade pela Igreja, Inquisição e corte.

Para o pesquisador português Gabriel Pereira Bastos (2012), Portugal tem feito pouco para mudar a situação incômoda que os ciganos ainda vivem. Pois mesmo passados cinco séculos, a falta de políticas públicas específicas para os ciganos tem os mantido na situação de marginalidade em Lisboa e nas demais cidades do país. Ao contrário da Espanha que tem investido em educação e nos últimos anos conseguiu mudar a situação de várias comunidades ciganas, Portugal age como o restante da Europa. Os ciganos continuam migrando do Leste Europeu em busca de melhores condições de vida e, assim como ocorre há vários séculos, ainda sofrem com a xenofobia.

Mantendo a minoria cigana marginalizada e silenciada, ocultando essa marginalização bem como a responsabilidade do Estado e macro-instituições associadas ou cooperantes na manutenção dessa mesma marginalização, e co-optando uns poucos 'assimilados' como 'mediadores culturais', com contratos precários e deficientemente remunerados, para cooperarem com uma política que impede a auto-determinação desta minoria, dentro da organização política dos

⁶ Entre 711 e 726 exércitos islâmicos oriundos do norte da África invadiram a Península Ibérica, a partir de então, várias foram as tentativas cristãs de retomar o território o que ocorreu somente em 1492 com a conquista do Reino de Granada pelos reis cristãos.



portugueses, o Estado auto-elogia-se onde faltam motivos para tal e inventaria «boas práticas» onde elas quase não existem (BASTOS, 2012, p.44).

Se hoje as políticas para promover o bem-estar-social dos ciganos são insuficientes, os colocando à margem e preservando a intolerância, no passado, as leis visavam banir, punir e escravizar.

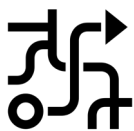
Mandamos a los egipcianos que andan vagando por nuestros reinos y señoríos con sus mujeres e hijos, que del día que esta ley fuera notificada y pregonada en nuestra corte, y en las villas, lugares y ciudades que son cabeza de partido hasta sesenta días siguientes, cada uno de ellos viva por oficios conocidos, que mejor supieran aprovecharse, estando atada en lugares donde acordasen asentar o tomar vivienda de señores a quien sirvan, y los den lo hubiese menester y no anden más juntos vagando por nuestros reinos como lo hacen, o dentro de otros sesenta días primeros siguientes, salgan de nuestros reinos y no vuelvan a ellos en manera alguna, so pena de que si en ellos fueren hallados o tomados sin oficios o sin señores juntos, pasados los dichos días, que den a cada uno cien azotes por la primera vez, y los destierren perpetuamente destos reinos; y por la segunda vez, que les corten las orejas, y estén sesenta días en las cadenas, y los tornen a desterrar, como dicho es, y por la tercera vez, que sean cautivos de los que los tomasen por toda la vida. Isabel y Fernando, Medina del Campo, 1499. Recogido en la Novísima Recopilación, Libro XII, título XVI. (FAGIC, 2020).

O fragmento acima faz parte das “Pragmáticas”, um conjunto de proibições e punições destinados aos ciganos (de 1499 até 1793). No início, deveriam procurar empregos conhecidos ou sair dos territórios hispânicos, se pegos deveriam ser açoitados e, se reincidentes, deveriam ser escravizados e ter as orelhas cortadas.

As punições passaram por alterações: em um primeiro momento, as coroas espanhola e portuguesa não queriam os ciganos no Novo Mundo, no entanto, com o tempo, os ‘degredados’ começaram a ser enviados para as Américas. O primeiro registro sobre ciganos na colônia portuguesa foi de João Torres e sua família (esposa Angelina e filhos) em 1574 (PIERONI, 1993), no entanto, não há documentos que comprovem se chegaram de fato nas novas terras. No século XVIII, vários foram deportados para a colônia portuguesa, D. João V especificou que os mesmos não deveriam se instalar em cidades portuárias, mas que fossem enviados aos sertões, para servirem nos embates que eram travados contra indígenas. Para a corte, a ganância dos ciganos poderia gerar lucros, o que não obtiveram com os indígenas (DONAVAN, 1992).

Outras fontes, como viajantes, tropeiros retornam aos estereótipos corriqueiros, como “sujos”, “trapaceiros” e “ladrões”. Isto funciona como um indicador: os ciganos eram raramente considerados por si mesmos, e com frequência, eram sinônimos de barbárie, imundice, desonestidade e imoralidade. (RUDE, 1991, p. 17)

OS CIGANOS NA LITERATURA



Com os emigrados de Portugal veio também para o Brasil a praga dos ciganos. Gente ociosa e de poucos escrúpulos, ganharam eles aqui reputação bem merecida dos mais refinados velhacos: ninguém que tivesse juízo se metia com eles em negócio, porque tinha certeza de levar carolo. A poesia de seus costumes e de suas crenças, de que muito se fala, deixaram-na da outra banda do oceano; para cá só trouxeram maus hábitos, esperteza e velhacaria, e se não, o nosso Leonardo pode dizer alguma coisa a respeito. (ALMEIDA, 1988 p.19)

O carioca Manuel de Antônio de Almeida (1831-1861), formado em medicina, trabalhava como jornalista no Correio Mercantil, além de ter sido administrador da Tipografia Nacional (funcionário público). Morreu no naufrágio do vapor Hermes em 1861 durante viagem de campanha eleitoral, pleiteava o cargo de candidato da província. Ficou conhecido pelo romance Memórias de um Sargento de Milícias, que inicialmente foi publicado como suplemento literário “A Pacotilha”, sob o pseudônimo de “Um brasileiro”, entre 1852-53, sendo editado como livro em 1854-55 em dois volumes.

Antônio Cândido (1993) trata a obra como um componente nacional dos elementos tradicionais da cultura popular brasileira, os personagens são apontados como exemplares para explicar a “dialética da malandragem” (ordem x desordem, apresentados nas escolhas dos principais personagens). Logo, Leonardo, “o herói desta história” (ALMEIDA, p.03), com sua personalidade travessa e antipática, além de atitudes maldosas que denotavam desde cedo uma “velhacaria para aquela idade” (ALMEIDA, p.10), somada ao contato com os ciganos, que, conforme a citação anterior “só trouxeram maus hábitos, esperteza e velhacaria” ao Rio (ALMEIDA, p.19), Antônio Candido vai construir uma narrativa para expor como surge o perfil do ‘jeitinho brasileiro’, segundo Leonardo Flach:

Entre as possibilidades de formas de aprendizagem negativa formadas a partir do jeitinho posso citar: a) tratar algo público como se fosse particular; b) acostumar-se a menosprezar uma regra geral e procurar abrir uma exceção; c) utilizar a posição hierárquica para a resolução de problemas, com expressões como “você sabe com quem está falando?”; d) pensar que já que o governo não cuida do que é público, ninguém deve cuidar. E isto resulta em atitudes coniventes com o jeitinho resultando, como pensar que cada um deve cuidar daquilo que é seu, e que somente o governo cuida do que é público, não reclamar e criticar sobre as situações em que o jeitinho ocorre (FLACH, 2012, p.14).

Desse exemplo, notamos que um dos clássicos mais populares e revistos em escolas do Brasil (Memórias de um Sargento de Milícias) e um aclamado sociólogo e crítico de literatura (Antônio Cândido de Mello e Souza) descrevem os ciganos de formas pejorativas; ora, imaginemos um adolescente de origem cigana, identificado com um grupo ou camuflado (condição que iremos abordar no decorrer deste texto), que recebe da professora de literatura como indicação de leitura a obra de Manuel de Almeida. Como este indivíduo irá se sentir nas menções sobre sua cultura?



Infelizmente, esse não é o único exemplo possível, já que outras obras da literatura clássica internacional e nacional representaram os ciganos de forma pejorativa, com maior ou menor intensidade, *Notre-Dame de Paris* de Victor Hugo (2011 – obra original de 1482)⁷ e *Drácula* de Bram Stoker (1897) são alguns exemplos.

(...)o que se dizia na costa e no sertão, todos sabem: cigano é outra nação, duvidosa [...] Nação à parte, casta de bruxos e gatunos, os ciganos vivem de enganos e embustes, de trapanças. Levados pelas aparências há quem diga e até escreva que os ciganos são o resto da corte real da Babilônia. [...] Um povo sem chão, onde já se viu ninguém pode confiar (AMADO, 1985, p. 24, 25).

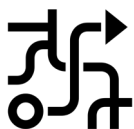
Gabriel Garcia Márquez (2014) mostrou em ‘*Cem Anos de Solidão*’ um cenário diferente, publicado em 1967 e vencedor do prêmio Nobel de Literatura de 1982, pois traz em seu romance José Arcadio Buendía, morador da fictícia Macondo, um lugar distante que anualmente recebia a visita de um grupo de ciganos liderados por Melquíades, homem honesto e justo, que trazia as novas descobertas do resto do mundo para o vilarejo. Na relação de ambos, não havia preconceito, pelo contrário, quando José Arcadio Buendía descobre que seu amigo viajante faleceu, se entristece sobremodo.

Terry Eagleton (2013) em ‘*Teoria da Literatura: Uma Introdução*’, traz a noção de que é difícil traçar elos entre fato e ficção, assim, ler Victor Hugo, Jorge Amado, Manuel Antônio de Almeida, ou qualquer outra literatura com o intuito de buscar paralelos com a realidade é algo complexo. A questão é: será que o leitor sabe disso? O adolescente de nosso exemplo citado acima conseguirá ver que o apresentado não tem relação com a cultura de seu povo? O aluno que estuda com ciganos irá conseguir fazer essa distinção? As escolas não têm sido um ambiente amigável para os ciganos do mundo todo (MATUOKA, 2018), seja pelo ambiente ríspido, pela falta de mecanismos que assegurem a permanência dos alunos ou na falta de participação das famílias ciganas no cotidiano escolar (CASA-NOVA, 2006).

Com forte presença cigana, a Espanha tem procurado valorizar essa cultura nos últimos anos. O acesso ao ensino superior de alguns membros tem contribuído para mudanças significativas, a educação é o meio pelo qual a marginalização deste grupo tem sido combatida (ROMÁN, 2010; PARELLA, 2010). Um belo exemplo a ser seguido.

COMO OS CIGANOS CALON CONTAM SUA HISTÓRIA E APRESENTAM SUA CULTURA

⁷ A cigana Esmeralda é apresentada como uma mulher de beleza encantadora, porém, suas escolhas amorosas, ‘denunciam’ sua moral distante dos ideais cristãos



Os ciganos se identificam como cristãos, no entanto, não são obrigados a seguirem uma religião⁸, suas práticas religiosas estão condicionadas ao culto a Santa Sara Kali⁹ (canonizada no século XVIII), padroeira dos ciganos. Kali, no romanês, significa ‘pele negra’; seu dia ‘santo’ é comemorado nos dias 24 e 25 de maio. Os nazistas foram os primeiros a relacionar a ‘santa’ a ‘Kali’ da cultura indiana, pesquisadores até hoje fazem essa relação, o que é inadmissível para os ciganos, que se sentem duplamente ofendidos: primeiro pela forma que a ‘padroeira’ é relacionada a um ‘demônio’ e segundo, pelo fato do discurso nazista ainda ser usado para definir sua cultura.

Há várias narrativas sobre a vida da ‘santa’, em algumas teria sido uma escrava de Maria que se converteu ao Cristianismo, em outras versões teria sido a parteira de Cristo e na mais comum teria sido forçada junto a algumas mulheres e discípulos a entrarem em um barco como punição imposta pelos romanos que, graças a uma oração fervorosa¹⁰, teriam chegado a salvo até a Costa Francesa¹¹ onde hoje é Saints-Maries-de-la-Mer, lá teriam sido recepcionados por ciganos que se converteram ao cristianismo¹².

É um povo eminentemente pacífico, nunca lutou pela posse da terra, mas, sim por seu uso temporário, o que sempre lhe foi negado. Por todas as injustiças, discriminações e preconceitos que meu povo tem sofrido, nunca será demais lembrar das palavras do amado e finado Papa João Paulo II em seu discurso em 1999: “Enquanto a humanidade não resgatar sua enorme dívida para com nossos irmãos ciganos, nenhum de nós poderá falar em direitos humanos e cidadania” (STANESCON, 2007b, p.20).

Os ciganos do Brasil¹³ nunca tentaram criar uma organização com fins belicosos, uma vez que a forma com que lidam com a natureza e sua noção de liberdade os desprende do controle das relações sociais, portanto o governo é algo indiferente para eles. Em sua

⁸ Em Santa Fé do Sul/SP encontramos uma Igreja Evangélica cujo pastor é cigano do grupo calon. <http://www.radarmissionario.org/valdir-apolinario-presidente-da-maci-conta-sobre-missoes-em-comunidade-cigana/> acesso em: abril de 2020.

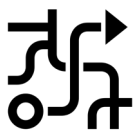
⁹ No Brasil, os ciganos também adoram a imagem de ‘Nossa Senhora Aparecida’.

¹⁰ Sara teria tirado seu lenço e coberto sua cabeça, na oração prometeu que se fossem salvos iria se tornar uma escrava de Cristo. A partir de então, as mulheres ciganas casadas, segundo a lenda, teriam começado a usar lenço na cabeça.

¹¹ Sara Kali prometera que se a viagem terminasse bem ela iria cobrir os cabelos para sempre com um lenço em sinal de devoção; mulheres do grupo Rom que são viúvas cobrem o cabelo com lenço (véu) e existe a crença de que se levar um lenço até o pé da imagem ela realiza milagres incríveis.

¹² Há outras narrativas sobre o processo de conversão dos ciganos, como aponta Jordana Aristictih (1995), em uma das versões um cigano teria negado asilo a Maria e José e por isso os ciganos não tem moradia fixa, em outra narrativa os pregos de Cristo teriam sido forjado por um cigano, já em outra, um cigano teria tirado Cristo da Cruz; algumas destas narrativas foram usadas como subterfúgio para perseguição.

¹³ Não afirmo que isto se aplique em todo o mundo por falta de fontes para tal afirmação.



cultura, veem o mundo com outro olhar, observam as transformações feitas pelos gadjin no ambiente e buscam extrair o que há de melhor desta relação.

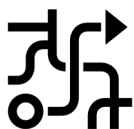
Minha sugestão é que os Calon concebem a relação com os gadje em termos da oposição entre “dado” e “construído”, ou para usar as categorias de Roy Wagner, entre “inato” e “artificial” (1977). Como argumenta Wagner, para “nós, ocidentais”, essas categorias correspondem largamente à oposição entre natureza e cultura. Para nós, água, luz, terra, tempo são dados naturais manipulados culturalmente pelo homem. Meu argumento é que “natureza e cultura” não são uma dicotomia significativa no pensamento calon. Em seu lugar, a oposição entre calons e gadje parece definir sua lógica. Disto decorreria então que o mundo gadje é “inventado” como “dado”, um mundo “sujo”, impuro. Ao mascarar a “construção” do impuro, ele é concebido como um fluxo contínuo preexistente do qual o Calon tem que se “extrair”, “contra inventando” a vergonha como descontinuidade, como produto de sua ação. Vergonha aparece para os Calon como “trabalho diferencial” por meio do qual se fazem Calon a partir de um gadje dado (FERRARI, 2011, p.?).

Ainda sobre os calon, estes entendem que ser livre é estar inserido dentro de sua comunidade/grupo/turma; o sujeito é estritamente condicionado às ações do grupo, não há um líder que tenha poderes de decisão sobre os demais. Em destaque, o cigano que melhor consegue lucros em seu comércio com os gadje e aquele que consegue impor respeito aos demais de forma firme é tido como ‘chefe’. Sua função é ser modelo para os mais jovens e a voz da comunidade frente autoridades dos gadjins, mas notem, não há neste personagem a função de governador ou administrador do grupo.

Esta liberdade está diretamente relacionada ao estilo nômade dos ciganos, característica que pode ter sido desenvolvida como forma de sobrevivência ou que se adaptou e evoluiu por causa desta. O sucesso do nomadismo conta, ainda, com os conhecimentos geográficos acumulados pelos grupos distintos, pelas habilidades comerciais e pela língua, usada quando não desejam que o gadje entenda o que está sendo combinado entre eles.

Logo, o trabalho para o cigano calon possui outra conotação. Estar condicionado às imposições do trabalho formal (tempo, hierarquia, regras) vai contrário ao seu estilo de vida. O sustento do calon se dá, culturalmente, pelo contato comercial com o gadje (FERRARI, 2011); porém isso tem sofrido alterações: alguns ciganos fixados têm se estabelecido no mercado de trabalho, o que gera uma estranheza no grupo.

Os calon tradicionalmente não valorizam a educação formal, pois acreditam que saber ler é uma vantagem para as relações comerciais e, por não se sentirem inseridos no mundo que os cercam, não veem necessidade em aprofundar nos temas relacionados a cultura gadje; com isso, é normal a evasão escolar no grupo. As escolas, desconhecendo tal característica cultural, pouco (ou nada) fazem para conscientizá-lo. No entanto, em cidades



com presença cigana, é possível encontrar indivíduos que conseguiram concluir o ensino superior e atuam como profissionais liberais; há, ainda, um índice cada vez maior de ciganos que conseguem concluir o ensino médio e ingressar no setor público. Assim como no restante do mundo, destes sujeitos que surgem as reivindicações para melhorias no grupo e questionamentos sobre a posição marginalizada dos mesmos (LECCIÓN GITANA, 2018).

Tanto não se sentem inseridos, que é comum encontrar entre os mais velhos indivíduos que não possuem documentos, no máximo certidões de nascimento. O documento para o cigano é um tipo de passaporte perante as pessoas que representam o Estado, ‘o policial’, ‘o delegado’, ‘a atendente do hospital’, entre outros.

Percebemos, assim, que os ciganos pertencem durante séculos a uma cultura ágrafa, sem escrita, sem literatura própria. É um povo de tradição oral. Isso é fato. No entanto, acrescentamos a essa perspectiva um outro olhar: o povo cigano como um povo fundamentalmente de tradição corporal. (...) Ciganos vivem a condição de itinerância e de suas conseqüências. A tentativa de resgatar essa história, de aprender com ela resulta do desejo de compreender como uma identidade se constrói nesse nomadismo (HILKNER, 2008, p. 5).

Regiane Aparecida Rossi Hilkner (2008) abordou como o corpo do cigano, por meio das tatuagens, dança e vestuário são referenciais para a memória destes grupos, trazendo características de lugares distantes. No entanto, como foram progressivamente se espalhando na Europa e posteriormente na América, subgrupos foram criados a partir dos tradicionais. Por possuir uma cultura ágrafa, baseada na tradição oral, cada comunidade carrega histórias nativas, que podem ser diferentes das encontradas em outras (FAZITO, 2006).

Com a fixação, os jovens ciganos passaram a ter maior contato com a cultura gadje, ademais, o avanço da tecnologia tem distanciado as gerações, e nas narrativas dos mais velhos, há a preocupação de que a tradição se perca. Mesmo com uma população significativa, os velhos (phurê) temem que a memória seja perdida.

Em 2007, a Fundação Santa Sara Kali, junto com o Governo Federal (Secretaria Especial dos Direitos Humanos – SEDH), produziram o material: “Povo Cigano – o direito em suas mãos” (STANESCON, 2007b); nele, de forma bem didática, a cigana Mirian Stanescon apresenta características da história e da cultura cigana e, em uma seção voltada para os direitos, propõe várias discussões pertinentes para a comunidade. O material é uma prova de que é possível fazer algo acessível às comunidades ciganas e demais segmentos da sociedade.



CONCLUSÕES

Há muito a ser descoberto sobre o universo cultural cigano, e isso só será possível caso a comunidade cigana estiver disposta a contar para o restante do mundo. Para tal, é essencial que ciganos estejam perfilados nas universidades, produzindo conhecimento e sendo ativos nos debates que mencionam seu povo. Nesse sentido, somente o acesso à educação poderá fazer essa diferença, com políticas que venham a facilitar e incentivar o mesmo.

Com as mudanças ocorridas nos últimos anos e as incertezas que estarão nos aguardando, a cada dia a preocupação sobre o futuro da memória calon aumenta. Os ciganos sobreviveram às várias práticas genocidas a que foram submetidos no decorrer de sua história; no entanto, a questão é se a cultura irá sobreviver a aculturação proveniente dos processos de fixação e até que ponto irá se reinventar, o que não seria impossível se levarmos em consideração o processo de formação da cultura cigana, única quando analisamos características similares e tão distinta quando avaliamos cada uma de forma individual.

Resgatar a memória e preservá-la, buscando reconectar as gerações, ressignificar conceitos norteadores (como o possível fim do nomadismo) e a constante diminuição do caráter comercial itinerante devido a fixação serão os principais problemas para a cultura cigana, em específico a calon. Somente uma educação que seja capaz de romper com os horizontes será capaz de contemplar as necessidades de preservar e avançar. Para tal, será necessária a produção de materiais que qualifiquem os professores que atendem ao público cigano (algo parecido com *'Povo Cigano: o Direito em suas mãos'* (STANESCON, 2007b)) e, ainda, é necessária uma mudança de postura das escolas para que possam inserir as famílias ciganas em seu cotidiano de forma democrática; seja no dia da padroeira dos ciganos ou quaisquer outras formas que venham a demonstrar a cultura para a comunidade e fazer com que estas pessoas se sintam parte, para de fato serem livres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. A. *Memórias de um sargento de milícias*. Editora Via Leitura, São Paulo, 1988.
- AMADO, J. *Tocaia Grande: A face obscura*. Editora Record. Rio de Janeiro, 1985.
- ARCAS, M. E. PAES, A. B. A construção histórica da intolerância ao cigano: do mito do surgimento dos ciganos aos materiais divulgados em sala de aula. In: OLIVEIRA, A. C.



Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história. Ponta Grossa-PR, Editora Atena, 2020.

ARISTICTH, J. *Verdade Sobre Nossas Tradições.* Brasil, Editora Irradiação Cultural, 1995.

BASTOS, J. G. D. F. P. (2012). *Portugueses Ciganos e Ciganofobia em Portugal.* Lisboa: Colibri. 2012.

CANDIDO, A. Dialética da malandragem. In: *O discurso e a cidade* (pp-123-152). São Paulo, Editora Ouro Sobre Azul, , 1993.

CASA-NOVA, Maria José. *A relação dos ciganos com a escola pública: contributos para a compreensão sociológica de um problema complexo e multidimensional.* Revista Interacções, n. 2, pp. 155-182 (2006). Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/55608821.pdf>. Acesso em 20 mar 2020.

DONOVAN, Bill M. *Changing Perceptions of Social Deviance: Gypsies in Early Modern Portugal and Brazil,* São Paulo, *Jornal de História Social*, v. 26, n. 1, 1992.

EAGLETON, T. *Teoria da Literatura: Uma Introdução.* São Paulo, Ed. Martins Fontes. 2003

FAGIC, 2020. *El Pueblo Gitano.* Federación de Assiaciones Gitas de Catalunã. Disponível em: <http://www.fagic.org/el-pueblo-gitano/> Acessado em:2020.

FAZITO, D. *A identidade cigana e o efeito de "nomeação": deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científicos e práticas sociais.* São Paulo, *Revista Antropológica*, vol. 49 n.2, 2006.

FERRARI, F. *Ciganos Nacionais.* São Paulo, USP. *Acta Literaria* Nº 32 (79-96), 2006

FERRARI, F. *Figura e fundo no pensamento cigano contra o Estado.* São Paulo. *Revista da USP*, Vol.54, n.2, 2011.

FLACH, L. *O jeitinho brasileiro: analisando suas características e influências nas práticas organizacionais.* *Revista Gestão e Planejamento*, Salvador, v. 12, n. 3, p. 499-514, set/dez. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.unifacs.br/index.php/rgb>

ENCICLOPÉDIA Delta Larousse, 1973. Editora Delta, Rio de Janeiro. p.1662-1664

GUIMARÃES, M. T. S. *O extermínio de ciganos durante o regime nazista.* *História e Perspectivas*, Uberlândia (53): 349-369, jan./jun. 2015

HILKNER, R. A. R. *Ciganos: Peregrinos do Tempo- Ritual, cultura e tradição.* Campinas, 2008.



- HUGO, V. *Notre-Dame de Paris*. São Paulo, Editora Estação Liberdade, 2011.
- HVIZINGA, P. *Sociedade Obscura*. Rio de Janeiro, Objetiva, 1984.
- LECCIÓN GITANA. *Gitanos y gitanas hoy - ejemplos del avance del pueblo gitano*. Disponível em: https://lecciong gitana.org/#gitanos_gitanas_hoy Acessado em: 2019
- MÁRQUEZ, G. G. *Cem Anos de Solidão*. São Paulo, Editora Record, 2014.
- MATUOKA, I. *Educação de ciganos no Brasil é marcada por preconceito*. Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2018/09/26/educacao-de-ciganos-brasil-e-marcada-por-preconceito/> Acesso em: 31/10/2019
- MICELI, P. *O ponto onde estamos: viagens e viajantes na história da expansão e da conquista (Portugal, século XV e XVI)*. 4ª edição, Editora da Unicamp, Campinas/SP, 2008
- NETO, J. C. M. *Morte e Vida severina*. Editora TUCA, Brasil, 1955.
- PARELLA, A. L. *Abogados gitanos que luchan por los derechos de su comunidad- Tres juristas cuentan como han llevado múltiples casos de discriminación contra la comunidad gitana*. Disponível em: <https://www.elsaltodiario.com/pueblo-gitano/abogados-gitanos-que-luchan-por-los-derechos-de-su-comunidad> Acessado em: 06/06/2020
- PIERONI, G. *Destestáveis na metrópole e receados na Colônia, Varia Historia*, Belo Horizonte, 1993.
- ROMÁN, T. S. *La diferencia Inquietante: viejas y nuevas estrategias culturales de los gitanos*. Madrid. Siglo XXI, 2010.
- RUDE, G. *A multidão na história*. Campos, Rio de Janeiro, 1991.
- SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 133 p, 2010 [1985].
- STANESCON, M. *Lilá Romai – Cartas Ciganas*. LEOGRAF, 3ª Edição. São Paulo, 2007.
- STANESCON, M. *Povo Cigano – o direito em suas mãos*. Governo Federal, Brasília, 2007b.
- STOKER, B. *Drácula*. New York: Grosset & Dunlap, 1976.

Recebido em: 26/10/2020

Aprovado em: 05/12/2020